

MESTRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA DA JUSTIÇA E DA DESVIÂNCIA

Mentiras e Reclusão: Pessoas que já experienciaram reclusão detetam melhor a Mentira/Desonesti- dade do que a População Geral

Soraia Gonçalves Pita

M

2025



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**MENTIRAS EM RECLUSÃO: PESSOAS QUE JÁ EXPERENCIARAM RECLUSÃO
DETETAM MELHOR A MENTIRA/DESONESTIDADE DO QUE A POPULAÇÃO
GERAL?**

Soraia Gonçalves Pita

Outubro 2025

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia, área de Justiça e Desviância,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto,
orientada pelo Professor Doutor ***Fernando Ferreira Santos*** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Em homenagem às pessoas que vivem intensamente o presente, àquelas cujos olhos brilham para a incerteza do futuro e – às mais especiais – que só se conseguem deitar no mar das memórias e nas ondas do passado, os meus primeiros agradecimentos são dedicados à pequena Soraia Gonçalves da Canguita que sonhava apenas como estudar (e ter cabelo curto).

Gostaria de deixar o meu mais sincero obrigada ao Professor Doutor Fernando Ferreira Santos. Por ter encorajado uma temática que me era tão fascinante e por me ter orientado com rigor científico e paciência para as minhas mil questões. O seu apoio e segurança foram a base para este trabalho.

Aos 30 homens que participaram neste estudo, especialmente àqueles que disseram expressões como “Temos de nos ajudar uns aos outros!”, espero estar a retribuir de alguma forma! À Sala de Consumos Vigiado e aos meus amigos de lá. O céu é o limite!

À minha Mamã, ao meu Papá, à minha irmã Neassa e ao Alerrandro. Obrigada por terem sido a razão pela qual as cadeiras dos aviões nunca foram tão confortáveis, por terem tornado Machico a paisagem mais bonita que já vi, e por terem tirado todas aquelas fotografias instantâneas que tenho no meu álbum “dos tempos de faculdade”. Sem vocês, não seria metade da estudante que fui estes cinco anos. Obrigada por encorajarem tanto e por me acolherem, todas as vezes, com um bocadinho menos de sotaque.

Aos meus Coleguinhas, que, desde as caixas numa tela aos trajes molhados em comboios, sempre foram uma das histórias mais bonitas que eu tenho para contar. Um bem-haja a todos por serem a explosão mais taz(maníaca) que pude viver.

Às minhas talhantes, Laura, Beatriz, Sofia e Maria. Foi um prazer poder sentar-me à mesa durante estes cinco anos, com os vossos lugares decorados. Obrigada por me ensinarem que as amizades vêm de segredos, de ideias fora da caixa, de raivas e sobretudo de sonhos. Foi graças a vocês que um (pequeno) Dragão se sentiu livre para voar e esbofear fogo por todos os lados, e é por vocês que Psicologia será sempre a melhor fase da minha vida.

À minha ATITUNA, onde os caminhos cruzam em frente a uma casa assombrada, cheia de quartos e uma jarra com girassóis em cima da mesa. Obrigada, amigas, por mostrarem que a vida é mais bonita quando as melodias são partilhadas; por terem sido a minha família mais segura durante cinco anos e por me provarem, todos os dias, que somos muito mais do que só um grupo de pessoas a fazer música. Que possamos SEMPRE, bater as nossas asas pela noite calada.

Às minhas amigas, que desenharam fantasmas em torno de uma garrafa (e aquelas que é como se o tivessem feito). Para vocês, dedico um beijo (onde quiserem) e uma certeza: vá eu onde

for, vocês são a razão pela qual nunca me esquecerei da magia e da mais bela poesia sobre cowboys, dos madeirenses sem sotaque, das betas com classe seletiva, das gatinhas de olhos grandes e das refeições cheias de piadas, dos cappuccinos acompanhados de canecas bonitas, das escape rooms gregas e dos cachorros míticos mesmo fofinhos.

E, claro, aos CTT - Correios, Telégrafos e Telefones - por todos os passos que demos juntas e pelas mil histórias que temos para contar. Pelo vídeo a tocar o “bailinho da madeira” num dia de jogo e por uma de nós ser a manteiga das outras. Por vocês voltaria atrás e faria tudo de novo, mudava só uma coisa... aproveitava mais, as viagens dos nossos selos profissionais.

Aos meus afilhados. Às de Tuna, por me mostrarem que coisas genéricas se tornam extremamente especiais se nós assim o fizermos, e me provarem que vá eu onde for, haverá sempre pessoas para me acompanhar. Aos de Praxe, por me darem certezas de que podemos ser exatamente quem nós sonharmos e que ainda vale a pena derreter.

Ao meu Rubén, o degrau que me faltava para subir até às mais altas montanhas e poder sentar a admirar entardeceres. Obrigada por esperares pela lua comigo, e por seres a certeza de que a melhor companhia vem com um vinho tinto maduro, um rissol de camarão, um queijo amanteigado e um abraço dos bons.

A todos os que mesmo não mencionados individualmente, se cruzaram comigo enquanto estudante de Psicologia, fosse qual fosse o nome pelo qual me conheceram.

À invicta Cidade, que me acolheu como sendo dela. Linda só de noite, e que de dia faz ecoar os passos dos estudantes trajados. Serás sempre saudade no momento da partida!

E, por fim, à minha Avó Maria! Que não viu nada disto com os seus olhos e que provavelmente teria de subir a uma folha de jornal para me bengalar. Acho que, de lá, ela já sabe que Soraia vai ser “Psicóloga”!

Resumo

Mentir e enganar são comportamentos comuns na vida quotidiana, com implicações sociais e cognitivas complexas, sendo a deteção da mentira mais desafiadora do que a sua produção, exigindo observação de pistas verbais e não verbais, cognição social e Teoria da Mente. Populações específicas, como pessoas que já estiveram em reclusão, parecem apresentar maior sensibilidade a essas pistas sociais, possivelmente devido a experiências em ambientes hostis e imprevisíveis, bem como a características de personalidade associadas à “Tríade Negra” – psicopatia, narcisismo e maquiavelismo. O presente estudo teve como objetivo comparar a capacidade de deteção de mentira e desonestidade entre indivíduos com histórico de reclusão e a população comunitária, avaliando simultaneamente traços psicopáticos e narcisistas, utilizando escalas padronizadas de Psicopatia (TriPM) e Narcisismo (NPI-13), bem como o instrumento TASIT-S para a avaliação de competências de inferência social mínima e enriquecida. Os resultados indicam que indivíduos com experiência de reclusão apresentam níveis mais elevados de traços psicopáticos, particularmente Meanness e Disinhibition, mas não de Boldness, e que estes traços influenciam de forma diferenciada a perceção social, sendo que correlações discretas sugerem que certas características de personalidade modulam a interpretação de pistas sociais. Além disso, o grupo recluso demonstrou melhor desempenho em dimensões específicas da inferência social, indicando maior sensibilidade para reconhecer intenções e incongruências comportamentais. Em conclusão, a experiência de reclusão, aliada a traços de personalidade específicos, pode afinar competências de deteção de mentira e desonestidade, reforçando a importância do contexto social na compreensão da cognição social e das interações humanas.

Palavras-Chave: Deteção da Mentira; População Ex-Reclusa; Psicopatia; Narcisismo; Pistas Sociais; Sarcasmo

Abstract

Lying and deception are common behaviors in everyday life, with complex social and cognitive implications, and detecting lies is more challenging than producing them, requiring observation of verbal and nonverbal cues, social cognition, and Theory of Mind. Specific populations, such as individuals who have experienced incarceration, appear to be more sensitive to these cues, possibly due to experiences in hostile and unpredictable environments, as well as personality traits associated with the “Dark Triad” – psychopathy, narcissism, and Machiavellianism. The present study aimed to compare the ability to detect lies and dishonesty between individuals with a history of incarceration and the community population, while simultaneously assessing psychopathic and narcissistic traits using standardized scales for Psychopathy (TriPM) and Narcissism (NPI-13), as well as the TASIT-S instrument for assessing minimal and enriched social inference skills. The results indicate that individuals with incarceration experience present higher levels of psychopathic traits, particularly Meanness and Disinhibition, but not Boldness, and that these traits differentially influence social perception, with subtle correlations suggesting that certain personality characteristics modulate the interpretation of social cues. Moreover, the incarcerated group demonstrated better performance in specific dimensions of social inference, indicating greater sensitivity to recognizing intentions and behavioral incongruences. In conclusion, incarceration experience, combined with specific personality traits, may refine lie and dishonesty detection skills, highlighting the importance of social context in understanding social cognition and human interactions.

Keywords: Lie Detection; Formerly Incarcerated Population; Psychopathy; Narcissism; Social Cues; Sarcasm

Índice

Introdução	1
Mentira e Desonestidade	2
Detecção da Mentira	3
Cognição Social e Teoria da Mente (<i>ToM</i>)	4
Traços Psicopáticos e Psicopatia.....	5
Pessoas em Reclusão.....	7
Narcisismo.....	7
Fundamentação do Estudo	8
Estudo Atual.....	8
Método	10
Amostra.....	10
Materiais.....	10
Questionário Sociodemográfico	10
The Awareness of Social Inference Test - Short (TASIT-S)	10
Narcissistic Personality Inventory- 13 (NPI-13).....	12
Recolha dos dados.....	13
Análise estatística.....	14
Resultados	15
Estatísticas Descritivas.....	15
Análises Confirmatórias.....	16
Discussão.....	25
Conclusão	30
Referências	32

Introdução

Mentir, enganar e ser desonesto são comportamentos elementares, apreendidos em tenra idade e que fazem parte da vida quotidiana das pessoas. Esta conduta acontece pelas mais variadas razões e com resultados distintos, consoante o contexto. Tome-se como exemplo do referido a mentira protetora da relação com o outro, onde se recorre a inverdades que ajudam a manter o equilíbrio das relações – afirmar que se apreciou um presente quando, na verdade, não gostamos (Vrij, 2008). No entanto, ainda que a mentira faça parte do nosso dia a dia, parece manter-se alheia ao nosso conhecimento. É possível que as pessoas não tentem detetar mentiras por não quererem saber a verdade, e não por falta de capacidade (Vrij, 2008).

À vista disto, a literatura reitera que parece ser mais fácil mentir do que detetar a mentira (Jupe et al., 2018). Acredita-se que, ao mentir, os indivíduos espontaneamente revelam indicadores que denunciam a mentira; por isso, a observação e a identificação de comportamentos verbais e não verbais têm sido analisadas como potenciais detetores (Gamer et al., 2006.).

De acordo com Hartwig e colaboradores (2004), existem evidências de que há populações que tendem a detetar e entender melhor a mentira do que outras. Um exemplo destas são as populações reclusas, que parecem dispor de uma melhor capacidade de discriminação entre mensagens falsas e verdadeiras. Os sujeitos que experienciam ambientes de reclusão aparentam deter melhor conhecimento sobre as relações entre comportamentos verbais e não verbais e a desonestidade, exibindo uma maior taxa de precisão na deteção de mentiras. Pessoas que já viveram em reclusão mantêm crenças menos estereotipadas acerca dos processos relevantes para a tarefa de deteção da desonestidade (Hartwig et al., 2004), o que os leva a uma melhor prestação na tarefa de identificar diferenças entre o que é dito e o que é intencionado. Estes resultados podem sustentar-se pela sua permanência num ambiente hostil e imprevisível, que os torna mais sensíveis a pistas específicas (Birkás et al., 2020).

Com efeito, para além das diferenças em analisar o ambiente e a intencionalidade dos pares, a literatura aponta que a população em reclusão tende a diferir da população comunitária em certos traços de personalidade. Tendo como base a “Tríade Negra”, composta por narcisismo, maquiavelismo e psicopatia (Coid et al., 2009; Turi, 2022), é possível propor que existe uma gama multifatorial de condições que refinam as capacidades de deteção de desonestidade de pessoas que já estiveram em reclusão.

A presente investigação tem como objetivo compreender a capacidade relativa da deteção de comportamentos desonestos, através de simulações (por meio do instrumento de avaliação de competências sociais TASIT-S), numa população de pessoas que já permaneceram em reclusão, comparando-a com uma população comunitária. Espera-se, portanto, que indivíduos que já

experienciaram a reclusão avaliem pistas de desonestidade com maior precisão do que a restante comunidade. Adicionalmente, pretende-se avaliar a presença de traços psicopáticos e clarificar os níveis de narcisismo associados a estas populações.

Mentira e Desonestidade

Ao pensar na definição de Mentira ou Desonestidade, é natural que se procure construtos como a Moralidade, que desde a Grécia antiga é fruto de reflexão e análise dada a complexidade do conceito.

Moral, segundo Gontijo, em 2006, consiste no exercício das excelências humanas e virtudes morais, ou seja, o exercício da reflexão crítica e metódica. A obra *O juízo moral da criança*, de Piaget (1994), apresenta diversas pesquisas no domínio da moralidade em crianças, refletindo sob a importância de analisar os juízos e a consciência da mentira em infantes. Piaget, destaca que a tendência à mentira é natural, a espontaneidade e generalidade mostram o quanto ela faz parte do pensamento egocêntrico da criança. Para Piaget a criança pequena não mente por mentir, altera a realidade em função dos seus desejos e fantasias.

Considerando o conceito adulto, mentir, de acordo com o *Oxford English Dictionary* é o ato de engano mais comum, onde uma mentira é definida como “uma declaração falsa, feita com intenção de enganar”. Então, para adultos, mentir implica a intenção de enganar os outros e fazê-los acreditar no que os intervenientes não acreditam (Jenkins & Delbridge, 2020). Segundo Ekman (2003), a desonestidade tem duas características essenciais: deve haver uma escolha deliberada, bem como, intenção de enganar os outros, e não deve existir nenhuma notificação de que a mentira está a acontecer – “Um jogador de póquer não é mentiroso”. Pode-se dizer que a mentira é a afirmação baseada na ilusão sincera do falar, ou no conhecimento incompleto sobre o que se fala. Assim, o engano é baseado na incompletude da informação ou na distorção da mensagem que conhecemos (Petrova, 2017).

As pessoas, como seres sociais e resultado das suas atividades humanas, mentem e enganam em busca de uma adaptação ao meio social e natural. Engano, ou intenção de enganar neste contexto, são vistos como a inibição de respostas verdadeiras e, portanto, a produção de um resultado enganoso, que é suscetível a estar acompanhadas de regulação emocional e interação social (Matias et al., 2015).

Em teoria, segundo Petrova, em 2017, existem diferentes tipos de mentira que mostram que esta dissimulação da verdade pode acontecer pelas mais variadas razões: *mistificação*, a invenção ou imaginação de uma pessoa(s), onde é possível traspor descrições míticas e histórias fantásticas; *falsificação*, como plágio; *simulação*, fingimento mas não experiencia de sentimentos ou

emoções; *jogo*; *engano* ou substituição de conceitos, para obter benefício próprio; *mentira* involuntária, resultante de erros de percepção; *exagero* ou subestimação, *distorção* da informação; *abandono da resposta*, “omissão”; *mentira inocente*, para o bem dos intervenientes; *calúnias*; *mentiras patológicas*; e *autoengano*. A literatura aponta que, especialmente no caso da mentira patológica, estudos de neuroimagem estrutural por ressonância magnética mostram um crescimento considerável da massa branca na região pré-frontal, em indivíduos caracterizados como mentirosos patológicos, em comparação a indivíduos de controlo. (Yang et al., 2005). Já estudos de neuroimagem funcional, realizados em indivíduos saudáveis mostraram que o córtex pré-frontal desempenha um papel fundamental na mentira (Matias et al., 2015).

Ademais, através de estudos neuropsicológicos e de estimulação transcraniana por corrente direta, também se percebe a contribuição funcional do córtex pré-frontal no ato de mentir. Evidências de múltiplas fontes, sugerem que o córtex pré-frontal organiza os processos de inibição de respostas verdadeiras e articulação de respostas enganosas (Abe, 2009).

Deteção da Mentira

No que se refere a detetar mentiras, parece difícil captar fisicamente quando é que uma pessoa está a mentir, já que não há nenhuma prova clara do engano, como o nariz do Pinóquio a crescer. Contudo, existem três pistas que podem permitir detetar um mentiroso: ao observar a maneira como se comporta – os movimentos que faz – se sorri ou mostra aversão ao olhar, o seu tom de voz ou a velocidade com que fala, se gagueja etc.; ao ouvir o que é dito – analisando o conteúdo; e ao medir as respostas fisiológicas que são dadas – através de testes como o do Polígrafo (Vrij et al., 2000). Tal como a mentira, o Sarcasmo é um elemento comum às interações humanas e, para o identificar, diversos autores enfatizam a importância do contexto (Campbell et al., 2012) e das expressões faciais, como raiva, repulsa e desprezo (Rockwell, 2001).

A deteção da mentira é um procedimento que não tem como fundamento só a observação dos indicadores associados à mentira, como na sua interpretação. A precisão na deteção implica o reconhecimento, por parte dos detetores, da informação que é ocultada ou alterada, dependendo tanto da capacidade do comunicador para mentir como da capacidade do recetor para detetar (Vrij, 2008). A deteção da mentira é um construto, complexo e vívido, que devia permanecer debaixo dos holofotes, visto que, é crucial em contextos forenses, com especial enfoque nos contextos judicial e policial. Jupe e colaboradores (2018), entenderam que os indivíduos são melhores a simular do que a detetar o engano, e recentemente, os observadores admitem que as mentiras cumprem um papel de defesa, pois estas podem ter consequências desastrosas para as suas vidas (Vrij, 2008).

Portanto, para que um indivíduo reconheça a mentira, o engano ou o sarcasmo, há que ter em consideração a intencionalidade, assim como as crenças do ouvinte, o que exige processos de cognição social, empatia e Teoria da Mente (*ToM*).

Cognição Social e Teoria da Mente (*ToM*)

Primeiramente, a Cognição Social pode ser definida como o processo neuro cognitivo, que promove a habilidade de interpretar e prever o comportamento dos outros. Tendo em conta intenções e crenças alheias ao nosso pensamento, a Cognição Social permite que se interaja em redes sociais complexas (Baron-Cohen et al., 2000). Sendo assim, esta capacidade tem como função “dar sentido aos comportamentos dos outros”, ramificando-se em três domínios: processamento precetivo de informação social – expressões emocionais; compreensão dos estados cognitivos ou afetivos dos outros – compreensão social; e planeamento do comportamento levando em consideração os objetivos dos outros, além dos próprios – tomada de decisão social. (Arioli et al., 2018). Por consequente, as capacidades de Cognição Social implicam ser capaz de reconhecer os outros como seres vivos, através da análise de informação percetual, como expressões faciais, a voz e a linguagem corporal, e assim recolher a informação necessária à sua melhor adaptação. Esta recolha de informação representará a entrada nos processos de nível superior subjacentes a uma ressonância direta, entre os estados afetivos dos outros e a interpretação dos comportamentos observáveis em disposições mentais (Frith & Frith, 2012). Assim, capacidade de analisar e interpretar o comportamento alheio: os estados mentais, as crenças, os desejos, as intenções etc., são o passo necessário para se prever as ações futuras de quem está à nossa volta e adaptar o nosso comportamento da forma mais eficiente.

A Teoria da Mente (*ToM*) (Leslie, 1987), vem aplicar na prática aquilo que entendemos por Cognição Social, porque corresponde à capacidade de representar o estado mental de outra pessoa de forma a desencadear uma resposta afetiva e empática. A Teoria da Mente permite ao indivíduo compreender e prever o comportamento dos outros, podendo assim agir em concordância com o meio que o rodeia (Dvash & Shamay-Tsoory, 2014). Esta teoria divide-se em duas componentes: afetiva – que envolve pensar sobre sentimentos; e cognitiva – que envolve pensar pensamentos, intenções e crenças (Dvash & Shamay-Tsoory, 2014).

Segundo Svetiena e Frank, em 2016, ser mais empático leva a uma melhor categorização e classificação dos sinais emocionais, mas também leva a julgamentos mais pobres em relação ao engano. Assim, embora a empatia pareça crucial em interações sociais, o seu papel a identificar sarcasmo e mentira não é claro, daí surgir a questão de se a “falta de empatia” presente em pessoas com traços psicopáticos será uma mais-valia na deteção da mentira. Segundo a literatura, uma deficiência na capacidade de compreender os estados mentais das pessoas à nossa volta pode estar

relacionada ao comportamento antissocial, ao comportamento agressivo e/ou à psicopatia (Richell et al., 2003).

Traços Psicopáticos e Psicopatia

A psicopatia, enquanto traço, é caracterizada por: insensibilidade, comportamento manipulador, charme superficial, afetos somente superficiais, irresponsabilidade, falta de remorso e comportamento antissocial (Hare et al., 1991).

De acordo com Cleckley, em 1941, no livro *Mask of Sanity*, a psicopatia é um conceito amplo e que se pode dividir em 16 traços característicos que são capazes de definir o perfil clínico de um psicopata, sendo estes: (1) Charme superficial e boa “inteligência”; (2) Ausência de delírios e outros sinais de pensamento irracional; (3) Ausência de “nervosismo” ou manifestações psico-neuróticas; (4) Falta de confiabilidade; (5) Falsidade e falta de sinceridade; (6) Falta de remorso ou vergonha; (7) Comportamento antissocial motivado inadequadamente; (8) Mau julgamento e falha em aprender com a experiência; (9) Egocentrismo patológico e incapacidade de amar; (10) Pobreza geral nas principais reações afetivas; (11) Perda específica de percepção; (12) Insensibilidade nas relações interpessoais em geral; (13) Comportamento fantástico e pouco convidativo com bebida e às vezes sem; (14) Suicídio raramente realizado; (15) Vida sexual impessoal, trivial e pouco integrada; (16) Falha em seguir qualquer plano de vida.

Os traços psicopáticos dependem tanto da determinação biológica (*Essential sociopathy*), os chamados delinquentes ou inadequados, como da educação e socialização mal vinculada, os ditos incompatíveis ou emocionalmente instáveis (Partridge, 1929). Hare (1991) sugeriu um novo modelo, que dividia a Psicopatia em dois: *Psicopatas primários* – indivíduos com défices constitucionais que levam a um comportamento frio e manipulador, relações superficiais e falta de afetos negativos como a culpa, o medo e a ansiedade; e *Psicopatas secundários* – que são fruto das causas ambientais, tais como, abuso parental, rejeição, vinculação insegura etc., levando a problemas emocionais ligados a neuroticismo, comportamentos impulsivos, agressividade e reatividade emocional.

O conceito de psicopatia primária tem sido pensado para constituir as características centrais da psicopatia, incluindo o distanciamento emocional, o afeto superficial e a falha em formar relacionamentos profundos, enquanto a psicopatia secundária é fortemente relacionada ao estilo de vida antissocial, a impulsividade e os problemas emocionais característicos da perturbação (Takamatsu & Takai, 2019). Não obstante, para definir a Psicopatia num todo, em 2009, Patrick e os seus colegas propuseram a concetualização triárquica da Psicopatia, dividindo

o conceito em três dimensões, que constituem diferentes manifestações fenotípicas: *Meanness*, *Boldness* e *Disinhibition*:

Meanness reflete sobre a tendência para a frieza e crueldade. Os indivíduos em que este traço é predominante têm problemas com o controlo dos impulsos e focam-se muito nas recompensas imediatas. No que diz respeito ao comportamento social e à resistência em interagir socialmente, encontram-se dificuldades em manter relações e laços com os outros e há também uma busca exploratória de poder através da crueldade sem ter em consideração pelas outras pessoas. As manifestações do comportamento incluem fenómenos como a imprudência, comportamentos impulsivos, desconfiança, tendência para desenvolver problemas de abuso de substâncias, falta de fiabilidade, entre outros. (Patrick et al., 2009)

Boldness, exprime uma mistura entre baixa ansiedade e baixa reatividade ao stress com a procura por aventura e elevado domínio social. Os indivíduos que têm este traço como predominante conseguem-se manter calmos perante acontecimentos com elevada tensão ou ameaçadores; têm um certo apreço por correr riscos. As manifestações comportamentais compreendem atitudes sob sangue-frio, assertividade, persuasão, resiliência, resistência, entre outros. *Boldness* é considerada uma expressão fenotípica adaptativa e tem o baixo fator medo em comum com a *Meanness* (Patrick et al., 2009).

Por fim, *disinhibition*, pode ser definida por uma falta de inibição comportamental e emocional, refletindo uma tendência geral para défices no controlo dos impulsos, irresponsabilidade, raiva e hostilidade. Existe uma dificuldade de planeamento, uma fraca capacidade de previsão e um défice de ajustamento afetivo. Esta dimensão está moderadamente ligada a *Meanness*, tendo como denominador comum um temperamento difícil (Patrick et al., 2009).

Como referido, pessoas com elevados traços psicopáticos tem uma tendência geral a não controlar os impulsos e uma dificuldade em socializar. Segundo Hare (1996), o enfase nos comportamentos em detrimento da ênfase nos traços psicopáticos aumenta a confiabilidade no diagnóstico. Desta feita, uma das populações que possui valores traços de personalidade com valores mais extremos na constelação de personalidade denominada “Tríade Negra”, são os presidiários. De acordo com Coid e colaboradores, em 2009, populações criminais são predominantemente possuidoras de traços de personalidade baseados em maquiavelismo, o narcisismo e a psicopatia.

Pessoas em Reclusão

De acordo com Cornell e os seus colegas (1996), estudos sobre psicopatia e crime, neste caso homicídio, mostram que homicidas psicopatas tendem a planejar as suas ações (violência instrumental), enquanto os não psicopatas mais frequentemente cometem violência reativa.

A visão típica dos psicopatas é de que são autocentrados, egoístas, manipuladores e que regularmente contam mentiras “auto-orientadas”, não se sentindo desconfortáveis quando as dizem, nem de forma alguma julgando esse comportamento cognitivamente difícil (Azizli et al., 2014). Para as outras pessoas, são percebidos de um modo cínico e, portanto, não revelando preocupação pela moralidade, admitindo que enganarão e manipularão a fim de alcançarem os seus objetivos pessoais (Turi et al., 2022). Embora nem todos os indivíduos em contexto prisional apresentem traços psicopáticos, a população reclusa partilha frequentemente características psicossociais e contextuais que podem influenciar o modo como percebem e interpretam o comportamento humano.

Segundo Foucault, em 2013, o criminoso é reconhecido numa instituição e merecedor de reclusão da restante sociedade, em regime total, como forma de castigar o “pecaminoso” e proteger “os homens de bem”. O termo instituição total é caracterizado como um lugar de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos, separados do mundo exterior, levam em conjunto uma vida reclusa cuja modalidades são explícita e minuciosamente regulamentadas (Goffman, 1968), ou seja, um lugar diferente do comum e onde se concentram, indivíduos com características comuns ao nível das condições de vida herdadas e à partida, isto é, a população prisional tende a pertencer a franjas sociais excluídas, marcadas pela pobreza, baixa escolaridade ou desemprego, dependências de várias substâncias e vulnerabilidades em termos de saúde. (Calligaris, 1999; Goffman, 1968).

Assim, é possível inferir que institucionalização cria, um ambiente distinto do contexto social comum, no qual as interações humanas adquirem significados próprios, o que torna pertinente o estudo da interpessoalidade, particularmente, da forma como percebem comportamentos desonestos, um aspeto essencial para compreender os processos de deteção da mentira neste grupo.

Narcisismo

Indivíduos narcísicos dispõem de perspetivas individualistas e de grandiosidade, um sentido de superioridade e de dominância elevado e uma esperança quase certa de sucesso ou poder ilimitados, realizando comportamentos de autopromoção (Fatfouta, 2023). Os narcisistas são predispostos ao comportamento de risco e antissocial, conforme evidenciado pela sua prevalência entre pessoas em reclusão e criminosos (Krizan & Herlache, 2018).

Assim, torna-se interessante perceber se pessoas que já foram institucionalizadas, possivelmente possuidores de traços psicopáticos e narcísicos, seriam melhores a detetar a mentira ou a desonestidade do que pessoas não presidiárias. Para este efeito, serão usado o instrumento TASIT-S e as escalas para a Psicopatia e para o Narcisismo.

Fundamentação do Estudo

A literatura indica que mentira e desonestidade são fenómenos complexos, envolvendo componentes cognitivos, emocionais e contextuais. A deteção da mentira depende não só da observação de indicadores comportamentais, mas também da compreensão das intenções, crenças e emoções alheias — ou seja, da cognição social e da Teoria da Mente (ToM). Traços de personalidade, como psicopatia e narcisismo, modulam a empatia, a interpretação social e o comportamento interpessoal. Indivíduos com traços psicopáticos apresentam défices afetivos, mas mantêm compreensão cognitiva das intenções, o que facilita a identificação racional de comportamentos enganosos. O narcisismo, ligado à necessidade de validação e superioridade, pode enviesar a leitura social. A experiência de reclusão adiciona outro fator: a vivência em ambientes estruturados e por vezes hostis, onde a vigilância e a leitura das intenções alheias são essenciais, pode aumentar a sensibilidade para incongruências entre comportamento verbal e não verbal.

Este estudo integra traços de personalidade, experiência prisional e cognição social para explorar a perceção e deteção da mentira, usando o TASIT-S para avaliar a interpretação de pistas sociais e a relação entre personalidade, contexto e capacidade de detetar desonestidade.

Estudo Atual

Em jeito de conclusão, tendo em conta estes pressupostos teóricos, o presente estudo visa introduzir a importância de se debruçar sobre constructos como a mentira, a desonestidade, o engano e o sarcasmo, atitudes que na sua grande maioria servem como mediadores do escape de situações que ameaçam as relações sociais humanas. Esta temática é vulgarmente associada ao contexto forense, sobretudo ao universo judicial e policial, dada a ligação direta entre o crime e a desonestidade. Assim, este estudo tem como objetivo compreender quatro hipóteses diferentes:

- (1) Pessoas que já estiverem em estado de reclusão possuem mais traços psicopáticos, quando comparadas com a população geral;
- (2) Pessoas que já estiverem em estado de reclusão possuem mais traços narcísicos, em comparação com a população geral;

(3) Pessoas com mais traços psicopáticos e narcísicos detetam melhor a mentira e a desonestidade, por meio de pistas sociais;

(4) Pessoas que já estiveram em estado de reclusão detetam melhor a mentira e a desonestidade do que a população em geral.

Estas hipóteses serão acompanhadas de uma escala de medição de traços psicopáticos (TriPM) bem como uma escala de ponderação sobre o narcisismo (NPI-13), e terão um esqueleto baseado na compreensão de percepção de pistas sociais por meio do instrumento TASIT-S.

Método

Participantes

Neste estudo, a amostra foi constituída por 30 indivíduos, de nacionalidade portuguesa e sexo masculino, divididos em dois grupos, cuja participação foi recolhida através do método de amostragem não probabilística. O primeiro grupo é composto por 15 participantes na condição de ex-reclusão, avaliados na Sala de Consumo Vigiado do Porto (SCV). O segundo grupo inclui, também, 15 participantes da população geral, em que a seleção dos sujeitos teve como critério o emparelhamento dos dois grupos ao nível das variáveis sociodemográficas género, idade e escolaridade.

As idades dos participantes foram compreendidas entre os 28 e os 78 ($M=47.83$; $DP=11.42$). Foram recolhidos os dados correspondentes à escolaridade (4ª Classe=20%, 6 participantes; 6º Ano=23.3%, 7 participantes; 9º Ano=33.3%, 10 participantes; 12º Ano=23.3%, 7 participantes) e a existência de consumos de substâncias psicoativas (Não Consumidores=53.3%, 16 participantes; Consumidores=46.7%, 14 participantes).

A comparabilidade dos grupos foi estudada através do teste de Mann-Whitney, verificando se que a população presidiária e a comunidade geral são equiparáveis para as variáveis idade ($U=109.00$, $Z=-.146$, $p=.884$) e escolaridade ($U=106.00$, $Z=-.279$, $p=.780$), já que os resultados não revelam diferenças significativas. Já quanto aos Consumos de Substâncias Psicoativas, os dois grupos estudados não são equiparáveis, já que não existe nenhum participante da população geral que tenha consumos ativos de substâncias ($U=5.50$, $Z=-5.037$, $p<.001$).

Materiais

Questionário Sociodemográfico

Foi administrado um questionário sociodemográfico, com o intuito de caracterizar a amostra em questões como a idade, o género, escolaridade, estado de reclusão e consumos de substâncias psicoativas.

The Awareness of Social Inference Test - Short (TASIT-S) (McDonald et al., 2017)

Este instrumento foi administrado para avaliar a cognição social por meio da compreensão de pistas sociais. Os estímulos presentes no instrumento são pequenos vídeos, onde atores qualificados dialogam casualmente. Estes vídeos são um espelho das interações sociais que

ocorrem diariamente. Este teste é composto por três partes: Avaliação das Emoções; Inferência Social Mínima; e Inferência Social Melhorada.

1ª Parte – Emoção – esta parte é composta por 10 vídeos que incluem duas expressões neutras, duas ansiosas, três de nojo, uma de raiva, uma de tristeza e uma de felicidade (vídeos 3, 4, 9, 13, 14, 18, 19, 22, 25, 27). O objetivo principal é que o indivíduo identifique a emoção presente no vídeo. O ator dá pistas através da expressão facial, do tom de voz e gestos sobre a emoção que está presente. Após cada cena, o participante deve escolher qual a emoção está presente entre sete opções de escolha forçada: neutro, felicidade, tristeza, raiva, nojo, ansiedade e surpresa.

2ª Parte – Inferência Social Mínima (ISM) – esta fase tem nove vídeos divididos em três diferentes interações: interação sincera (1, 4, 11 e 14), sarcasmo simples (2, 10 e 13) e sarcasmo paradoxal (5 e 15). Embora no sarcasmo simples as únicas pistas sejam baseadas no comportamento do ator, no sarcasmo paradoxal o conteúdo só faz sentido se o ator estiver a ser sarcástico. Esta parte avalia a capacidade dos participantes de determinar a intenção, a atitude e o significado da interação presente na cena, baseada no diálogo, expressão emocional, e outras pistas linguísticas, sem qualquer outra informação extra.

3ª Parte – Inferência Social Enriquecida (ISE) – esta etapa possui nove vídeos, dos quais quatro avaliam mentiras (7, 13, 15 e 16) e cinco avaliam sarcasmo (2, 4, 9, 10 e 12). No caso de vídeos que transmitem sarcasmo, a mensagem literal é o oposto do que o ator quer transmitir, enquanto no caso de vídeos com mentiras, o objetivo do ator é que a mensagem que ele transmite seja acreditada pelo interlocutor, apesar de ser o oposto do que ele diz. Nesta parte, a avaliação das interações é feita com o auxílio de informações extra, para que o participante pode compreender a veracidade da interação. Para isso, pode haver pistas visuais ou um prefácio que permita compreender o contexto da interação e a veracidade do discurso.

Tanto a 2ª parte como a 3ª são avaliadas por meio de quatro perguntas: O quê que o orador está a fazer com a outra pessoa?; O quê que o orador está a tentar dizer?: o que o orador está a pensar?; e o que o orador está a sentir?. Existem três *scores* diferentes que são calculados a partir das três partes diferentes. Na Parte 1 obtém-se um *score* para emoções positivas somando respostas neutras e felizes. Para emoções negativas, adiciona-se os *scores* da tristeza, da raiva, da ansiedade e da revolta. E por fim o *score* total, obtém-se somando os *scores* previamente mencionados. Na Parte 2 e na Parte 3 há quatro pontuações para cada tipo de pergunta (faça, diga, pense, sinta) que englobam o *score* total por item, permitindo obter uma pontuação para os vídeos de cada tipo. Na Parte 2 é computado um *score* para os vídeos sinceros e para os vídeos sarcásticos. A Parte 3 fornece um *score* para comentários enganosos e sarcásticos. Essas pontuações fornecem a informação necessária para compreender a capacidade de identificar

expressões faciais de emoção, bem como sarcásticas, verdadeiras, e comentários enganosos. O teste TASIT-S tem boa consistência interna conforme evidenciado pelo item Rasch, com fidelidade superior a 0,89 em todas as partes (Honan et al.).

No contexto deste estudo, o TASIT-S assume um papel central para avaliar a capacidade de detecção da mentira e da desonestidade, na medida em que permite que nos debruçemos sobre a compreensão das intenções sociais subjacentes às interações humanas. As partes da Inferência Social Mínima (ISM) e da Inferência Social Enriquecida (ISE) são particularmente relevantes, pois envolvem o reconhecimento de sarcasmo, sinceridade e engano, isto é, processos que exigem a identificação de incongruências entre o conteúdo verbal e as pistas não verbais, como o tom de voz e a expressão facial. A ISE, ao incluir vídeos que apresentam mentiras explícitas e ao disponibilizar informações contextuais adicionais, reflete diretamente a capacidade de perceber quando alguém tenta enganar ou distorcer a verdade. Assim, o desempenho dos participantes nestas subescalas pode ser interpretado como um indicador da sua sensibilidade às pistas comportamentais e comunicacionais associadas à desonestidade e ao engano, permitindo uma análise empírica da hipótese em estudo.

Triarchic Measure of Psychopathy (TriPM) (Patrick et al., 2009; versão portuguesa Paiva et al., 2020)

O TriPM é um instrumento de autorrelato baseado na conceitualização triárquica da psicopatia de Patrick et al. (2009). Consiste num instrumento de 58 questões que se separa em três subescalas: *Disinhibition* (20 itens); *Meanness* (19 itens); e *Boldness* (19 itens), onde se quantifica numa escala de *Likert* de quatro pontos – verdadeiro; moderadamente verdadeiro; moderadamente falso; e falso.

Para cotar, de acordo com a adaptação do instrumento para o português, utiliza-se a pontuação total e os *scores* para as três subescalas separadamente. A versão portuguesa apresentou bons resultados psicométricos propriedades, com α de Cronbach que varia de 0,81 a 0,86 (Paiva et al., 2020). Na presente amostra, obteve-se um α de Cronbach de .83 para a escala total, .46 para a subescala de Desinibição, .81 para Maldade e .90 para Ousadia.

Narcissistic Personality Inventory- 13 (NPI-13) (Gentile et al., 2013, versão portuguesa Pechorro et al., 2019)

O NPI-13 é uma breve versão de 13 itens do Inventário de Personalidade Narcisista original, considerada a medida mais utilizada para avaliar níveis subclínicos de narcisismo.

Este inventário tem três fatores: Liderança/Autoridade (*Leadership / Authority*; LA), Grandiosidade / Exibicionismo (*Grandiose / Exhibitionism*; GE) e Empossamento / Exploratividade (*Entitlement / Exploitativeness*; EE).

Os itens podem ser usados com um formato de escolha forçada ou dicotômico (“Sim” e “Não”) ou no formato original de quatro pontos. Os itens estão divididos em três dimensões: subescala LA é medida através dos resultados de quatro itens (3, 6, 9 e 12); GE inclui cinco itens (2, 5, 8, 11 e 13) e EE é medida por quatro itens (1, 4, 7 e 10). A cotação é feita através da soma de todos os itens, e os *scores* mais altos correspondem a valores mais altos de narcisismo.

A versão portuguesa adaptada para o uso com adolescentes revela consistência interna marginalmente aceitável entre .60 e .69, aceitável entre .70 e .70 e boa se acima de .80, com valores acima de .80 (Pechorro et al., 2019). Na amostra desta investigação, obteve-se um α de Cronbach de .77 para a amostra total, .25 para a *Leadership / Authority*, .72 para a *Grandiose / Exhibitionism*, e .34 para o *Entitlement / Exploitativeness*.

Recolha dos dados

Como mencionado anteriormente, o presente estudo envolve dois grupos de participantes: um com pessoas ex-reclusas e outro com população geral.

Solicitou-se à Comissão de Ética (CdE) da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP) o parecer sobre a recolha dos dados de pessoas que já estiveram em reclusão na SCV. Após parecer favorável da parte da CdE e aprovação dos responsáveis pela SCV, os indivíduos foram selecionados de acordo com as necessidades do estudo: sujeitos do sexo masculino, sem ensino superior, com experiência previa de reclusão, entre maio e agosto de 2025.

As sessões de recolha dos dados foram realizadas em dois momentos: (1) uma ocasião inicial de cerca de 10 minutos, onde se aplicaram as questões sociodemográficas, se explicitou o intuito do estudo e se preencheu o consentimento informado; (2) um momento posterior, de aplicação dos questionários, em papel, *TriPM*, *NPI-13* e da visualização dos vídeos da TASIT-S através do computador, com a duração de aproximadamente 35 a 45 minutos.

Ambos os momentos foram realizados no mesmo dia, totalizando uma sessão presencial de cerca de 50 minutos. Os sujeitos responderam sempre na mesma ordem, começando pelo questionário sociodemográfico, em seguida os questionários de respostas diretas *TriPM* (verdadeiro, moderadamente verdadeiro, moderadamente falso e falso) e *NPI-13* (sim e não) e posteriormente o TASIT-S. Em todos os instrumentos as respostas foram dadas pelo participante e registadas pela investigadora em papel.

Análise estatística

As análises dos resultados desta investigação foram realizadas com recurso ao programa de tratamento de dados estatísticos Statistical Package for Social Sciences (SPSS), versão 30.0 (IBM SPSS Statistics, Chicago, IL).

A análise preliminar centrou-se na verificação da normalidade da distribuição de dados da amostra. Foram utilizados métodos estatísticos não paramétricos para as variáveis que não cumpriam o pressuposto da normalidade, percebidos através do teste Shapiro-Wilk, sendo apenas os *scores* da Ousadia e da Desinibição do instrumento TriPM, os únicos normalmente distribuídos.

Para testar as hipóteses supramencionadas, recorreu-se sempre aos testes não paramétricos, dado que a maioria das variáveis não obteve uma distribuição normal. Assim, assegura-se a uniformidade da análise dos dados.

Resultados

Estatísticas Descritivas

Quanto à apresentação dos resultados, a Tabela 1 é composta pelas estatísticas descritivas dos instrumentos *TriPM* e *NPI-13*. Foram calculadas as médias e desvios-padrão, bem como a amplitude e o α de Cronbach para o total e as subescalas dos instrumentos.

Tabela 1

Análise das estatísticas descritivas para as subescalas dos instrumentos TriPM e NPI-13.

	Número de Itens	<i>M</i>	<i>DP</i>	Amplitude	α de Cronbach
<i>TriPM</i>					
Meaness	19	16.87	10.88	3-48	$\alpha=.81$
Boldness	20	34.90	7.10	20-51	$\alpha=.90$
Disinhibition	19	30.80	16.22	2-55	$\alpha=.46$
Total	58	79.50	22.31	40-148	$\alpha=.83$
<i>NPI-13</i>					
Leadership / Authority (LA)	4	2.13	1.01	0-4	$\alpha=.25$
Grandiose/Exhibitionism (GE)	5	2.63	1.61	0-5	$\alpha=.72$
Entitlement/Exploitativeness (EE)	4	1.97	1.13	0-4	$\alpha=.34$
Total	13	6.73	3.14	0-13	$\alpha=.77$

No que diz respeito ao instrumento da TASIT-S, foram calculados as médias e os desvios-padrão para os totais das subescalas Emoções ($M=5.67$, $DP=2.03$), Inferência Social Mínima (ISM) – Fazer ($M=5.67$, $DP=1.45$), Dizer ($M=5.77$, $DP=1.45$), Pensar ($M=5.67$, $DP=1.47$), Sentir ($M=5.00$, $DP=1.41$) – e Inferência Social Enriquecida (ISE) – Fazer ($M=5.37$, $DP=1.43$), Dizer ($M=4.90$, $DP=1.61$), Pensar ($M=6.17$, $DP=2.00$), Sentir ($M=5.07$, $DP=1.46$).

Análises Confirmatórias

Traços Psicopáticos: Comparação entre grupos

Antes de realizar as comparações entre grupos, com o intuito de compreender se pessoas que já estiverem em estado de reclusão possuem mais traços psicopáticos do que a população geral, testou-se a normalidade das subescalas da *TriPM* – Meanness, Boldness e Disinhibition – usando o teste de Shapiro-Wilk. Os resultados indicaram que a subescala Meanness violou o pressuposto de normalidade ($p < .05$), enquanto as subescalas Boldness ($p = .609$) e Disinhibition ($p = .113$) apresentaram distribuição aproximadamente normal.

Ainda assim, como referido, optou-se pelo teste não paramétrico Mann-Whitney U para comparar pessoas que já foram reclusas com a população geral. O teste revelou uma diferença significativa entre os grupos ($U = 24.50$, $Z = -4.65$, $p < .001$), indicando que pessoas que já viveram a reclusão apresentaram níveis mais altos de Meanness do que a população em geral (Rank médio: Ex-Reclusos = 16.37; População geral = 14.63).

Posto isto, utilizou-se o teste não paramétrico para comparar os grupos quanto à subescala Boldness. Os resultados não revelaram diferenças significativas entre pessoas que já estiveram em reclusão e a população geral ($U = 100.00$, $Z = -0.520$, $p = .603$). Embora o rank médio fosse ligeiramente maior no grupo de pessoas como a experiência de reclusão (Rank médio: Ex-Reclusos = 16,33; População geral = 14,67), esta diferença não atingiu significância estatística.

Para a subescala Disinhibition, fez-se uso novamente do teste Mann-Whitney, que revelou uma diferença significativa entre os grupos estudados ($U = 24.50$, $Z = -3.65$, $p < .001$). Isto indica que pessoas que já viveram a reclusão apresentaram níveis mais altos de Disinhibition do que a população em geral (Rank médio: Ex-Reclusos = 21.37; População geral = 9.63).

Por fim, considerando o *score* total do *TriPM*, observou-se também uma diferença significativa entre os grupos ($U = 38.50$, $Z = -3.07$, $p = .002$), com as pessoas ex-reclusas apresentando valores mais altos (Rank médio: Ex-Reclusos = 306.50; População geral = 158.50), sugerindo que, de forma global, indivíduos com histórico de reclusão exibem níveis mais elevados de traços psicopáticos.

Dessa forma, os resultados descritos fornecem suporte parcial à hipótese de que indivíduos com histórico de reclusão apresentam níveis mais elevados de traços psicopáticos em comparação com a população geral, sendo as diferenças mais evidentes nas dimensões de Disinhibition e Meanness, mas não na Boldness.

Tabela 2

Resultados do teste dos testes de comparação (Mann-Whitney) para as subescalas do TriPM

	<i>U</i>	<i>Z</i>	<i>p</i>	Rank Médio População Geral	Rank Médio Pessoas em Ex-Reclusão
Meaness	24.50	-4.65	<.001	14.63	16.37
Boldness	100.00	- 0,52	.533	14.67	16.33
Disinhibition	24.50	-3.652	<.001	9.63	21.37
Total (<i>TriPM</i>)	38.50	-3.07	.002	158.50	306.50

Traços Narcísicos: Comparação entre grupos

Para a segunda hipótese, realizou-se a análise a normalidade das subescalas da *NPI-13* – Leadership / Authority (LA) e Grandiose / Exhibitionism (GE) e Entitlement / Exploitativeness (EE) – usando o teste de Shapiro-Wilk. Os resultados indicaram que todas as subescalas violaram o pressuposto de normalidade (LA: $p = .016$; GE: $p = .035$; EE: $p = .016$), pelo que se optou pelo teste não paramétrico de Mann-Whitney, para comparar se existem diferenças na presença de traços narcísicos em pessoas que já estiveram em reclusão e a população geral.

Para a subescala Leadership/Authority, o teste não revelou diferenças significativas entre os grupos, $U = 112.00$, $Z = -.022$, $p = .983$. A análise dos ranks médios mostrou que embora os indivíduos que já viveram a reclusão (Rank médio = 15.53) apresentaram níveis ligeiramente superiores de Leadership / Authority do que a população geral (Rank médio = 15.47), essa diferença não atingiu significância estatística.

No que diz respeito à subescala Grandiose/Exhibitionism, da mesma forma, não se verificaram diferenças significativas entre os grupos, $U = 98.00$, $Z = -.611$, $p = .541$. Embora a população geral tenha apresentado um rank médio ligeiramente superior (16.47) em comparação com os as pessoas que já permaneceram reclusas (14.53), essa diferença não foi significativa.

Quanto à subescala Entitlement/Exploitativeness, também não revelou diferenças significativas entre os grupos ($U = 102.00$, $Z = -.453$, $p = .651$). As pessoas ex-reclusas obtiveram um rank médio de 16.20 e a população geral de 14.80, não se observando diferenças estatisticamente relevantes.

Por fim, considerando o *score* total do NPI-13, também não se verificaram diferenças significativas ($U = 106.00$, $Z = -.271$, $p = .786$), com rank médio de 15.70 para os ex-reclusos e 15.93 para a população geral.

Em síntese, os resultados indicam que não existem diferenças estatisticamente significativas entre pessoas anteriormente em reclusão e a população geral em nenhuma das subescalas da NPI-13, nem no escore total, sugerindo que o histórico de reclusão não está associado a maiores níveis de traços narcísicos nesta amostra.

Tabela 3

Resultados dos testes de comparação (Mann-Whitney) para as subescalas do NPI-13

	<i>U</i>	<i>Z</i>	<i>p</i>	Rank Médio População Geral	Rank Médio Pessoas em Ex- Reclusão
Leadership / Authority (LA)	112.00	-.022	.983	15.53	15.47
Grandiose / Exhibitionism (GE)	98.00	-.611	.541	14.53	16.47
Entitlement / Exploitativeness (EE)	102.00	-.453	.651	16.20	14.80
Total (NPI-13)	106.00	-.271	.786	15.93	15.7

Deteção de Mentira/Desonestidade correlacionada com Traços Psicopáticos e Narcísicos

Já no que concerne a terceira hipótese, para avaliar a relação entre traços psicopáticos (TriPM) e narcísicos (NPI-13) com capacidade de detetar mentira e desonestidade (TASIT-S), foram analisadas as subescalas do TASIT-S: Emoção, Inferência Social Mínima (ISM) e Inferência Social Enriquecida (ISE).

Para dar início à condução das análises estatísticas, testou-se a normalidade das subescalas TASIT-S através do teste de Shapiro-Wilk. A subescala Emoções, apresentou uma distribuição aproximadamente normal ($p = .426$), indicando que se poderiam aplicar análises paramétricas para esta variável. Por outro lado, todas as subescalas de Inferência Social Mínima (Fazer: $p < .001$; Dizer: $p = .010$; Pensar: $p = .006$; Sentir: $p < .001$) e de Inferência Social Enriquecida (Fazer:

$p = .024$; Dizer: $p = .028$; Pensar: $p < .001$; Sentir: $p = .030$) violaram o pressuposto de normalidade.

Ainda que a distribuição seja considerada dentro da normalidade, foram conduzidas correlações de Spearman para examinar a relação entre a subescala Emoções do TASIT-S e os traços de personalidade. Os resultados indicaram que nenhuma das correlações atingiu significância estatística. É de se notar que a subescala *Emoções* não se correlacionou significativamente com as subescalas de psicopatia, Meanness ($r_s(28) = .108$, $p = .569$), Boldness ($r_s(28) = -.181$, $p = .338$), Disinhibition ($r_s(28) = .198$, $p = .294$) ou com o *score* total do TriPM ($r_s(28) = .091$, $p = .634$). De forma semelhante, não foram observadas associações significativas com os traços narcisistas: Leadership/Authority (LA) ($r_s(28) = .062$, $p = .746$), Grandiose/Exhibitionism (GE) ($r_s(28) = -.019$, $p = .922$), Entitlement/Exploitativeness (EE) ($r_s(28) = -.235$, $p = .211$) ou com o *score* total do NPI-13 ($r_s(28) = -.085$, $p = .656$).

Estes resultados sugerem que, neste conjunto de dados, os níveis de traços psicopáticos e narcisistas não estão associados à capacidade de reconhecer emoções sociais, conforme avaliado pelo TASIT-S.

Tabela 4

Correlações de Spearman entre Emoções (TASIT-S) e traços de personalidade (TriPM e NPI-13)

	ρ	p
Meaness	.108	.569
Boldness	-.181	.338
Disinhibition	.198	.294
Total (<i>TriPM</i>)	.91	.634
Leadership / Authority (LA)	.062	.746
Grandiose/Exhibitionism (GE)	-.019	.922
Entitlement/Exploitativeness (EE)	-.235	.211
Total (<i>NPI-13</i>)	-.085	.656

As subescalas de Inferência Social Mínima (ISM) foram analisadas com correlação de Spearman e os resultados mostraram alguns padrões relevantes.

Quanto às subescalas do TriPM, o traço de Boldness apresentou uma correlação negativa significativa com a subescala Pensar ($\rho = -.375, p = .041$), sugerindo que indivíduos com níveis mais elevados de Boldness tendem a ter mais dificuldade em inferir o pensamento dos outros. Por outro lado, a dimensão de Disinhibition correlacionou-se positivamente com a subescala Pensar ($\rho = .385, p = .036$), indicando que níveis mais altos de desinibição estão associados a uma melhor identificação dessas pistas sociais.

As demais correlações entre Meanness, *score* total do TriPM e as subescalas *Fazer*, *Dizer* e *Sentir* não foram significativas (ρ entre $-.042$ e $.380$; $p > .05$). Quanto aos traços narcísicos (NPI-13), nenhuma das subescalas apresentou correlações significativas com qualquer subescala do ISM (ρ entre $-.250$ e $.195$, $p > .05$), assim como o *score* total do NPI-13 (ρ entre $-.250$ e $-.048$, $p > .05$).

Em síntese, apenas Boldness e Disinhibition se associaram significativamente à subescala Pensar, enquanto os restantes traços de personalidade não demonstraram relação consistente com a capacidade de inferência social mínima nesta amostra.

Tabela 5

Correlação de Spearman entre traços de personalidade e desempenho na Inferência Social Mínima -ISM (TASIT)

	Fazer		Dizer		Pensar		Sentir	
	ρ	p	ρ	p	ρ	p	ρ	p
Meaness	.113	.551	-.042	.825	-.341	.065	-.029	.880
Boldness	.138	.466	-.011	.956	-.375	.041	-.091	.633
Disinhibition	.380	.083	.234	.214	.385	.036	-.043	.823
Total (TriPM)	.297	.110	.096	.615	.345	.062	-.042	.825
Leadership / Authority (LA)	.005	.978	-.133	.485	.195	.301	-.160	.398
Grandiose/Exhibitionism (GE)	-.246	.190	-.299	.109	-.158	.403	-.147	.437
Entitlement/Exploitativeness (EE)	-.007	.972	-.170	.368	-.082	.665	-.111	.559

Total (<i>NPI-13</i>)	-.139	.464	-.250	.184	-.048	.800	-.194	.304
-------------------------	-------	------	-------	------	-------	------	-------	------

De forma semelhante, as subescalas de Inferência Social Enriquecida (ISE) também foram analisadas com Spearman,

No âmbito da Inferência Social Enriquecida (ISE), apenas Disinhibition apresentou correlação significativa com a subescala Fazer ($\rho = .370, p = .044$), enquanto o *score* total do TriPM também se correlacionou positivamente com Fazer ($\rho = .383, p = .037$). As demais correlações entre Meanness, Boldness e as subescalas do ISE não foram significativas (ρ entre $-.030$ e $.247; p > .05$).

Quanto aos traços narcísicos (NPI-13), nenhuma das subescalas apresentou correlação significativa com qualquer subescala do ISE, assim como o *score* total do NPI-13 (ρ entre $-.029$ e $.137; p > .05$).

Em suma, apenas a Disinhibition e o *score* total do TriPM se associaram significativamente à subescala Fazer, sugerindo que níveis mais altos de desinibição estão relacionados a melhor desempenho na identificação de pistas sociais quando se requer uma inferência social mais complexa, enquanto os restantes traços de personalidade não mostraram relações significativas com a capacidade de inferência social enriquecida nesta amostra.

Tabela 6

Correlação de Spearman entre traços de personalidade e desempenho na Inferência Social Enriquecida- ISE (TASIT-S)

	Fazer		Dizer		Pensar		Sentir	
	ρ	p	ρ	p	ρ	p	ρ	p
Meaness	.239	.202	.099	.602	-.030	.873	.134	.480
Boldness	-.010	.959	-.140	.462	-.023	.906	.127	.505
Disinhibition	.370	.044	.032	.866	.086	.652	.247	.189
Total (<i>TriPM</i>)	.383	.037	.092	.629	-.004	.985	.295	.114
Leadership / Authority (LA)	.204	.280	.309	.097	.036	.849	.081	.670

Grandiose/Exhibitionism (GE)	.031	.872	.045	.815	-.068	.720	-.034	.859
Entitlement/Exploitativeness (EE)	.136	.474	-.070	.715	-.107	.574	-.006	.974
Total (<i>NPI-13</i>)	.137	.472	.100	.600	-.029	.880	.041	.831

Deteção de Mentira/Desonestidade: Comparação entre grupos

Relativamente à quarta hipótese, para a verificação do pressuposto de normalidade das subescalas do instrumento TASIT-S, recorreu-se ao teste de Shapiro–Wilk, conduzido separadamente para cada grupo (pessoas ex-reclusas e população geral).

Os resultados indicaram que a maioria das subescalas violou este pressuposto, apresentando valores p inferiores a .05. Na subescala Emoções, observou-se uma distribuição aproximadamente normal em ambos os grupos (Ex-reclusos: $p = .302$; População geral: $p = .587$). Contudo, nas dimensões da Inferência Social Mínima (ISM), verificaram-se violações da normalidade, nomeadamente nas subescalas Fazer (População geral: $p < .001$), Dizer (População geral: $p = .041$), Pensar (Ex-reclusos: $p = .010$) e Sentir (Ex-reclusos: $p = .003$; População geral: $p < .001$). De forma semelhante, nas subescalas da Inferência Social Enriquecida (ISE), observaram-se desvios significativos à normalidade, particularmente em Fazer (População geral: $p = .010$), Pensar (População geral: $p < .001$) e Sentir (População geral: $p = .666$; Ex-reclusos: $p = .052$, marginalmente normal).

Deste modo, considerando as violações observadas, optou-se pela utilização de testes não paramétricos nas análises subsequentes, nomeadamente o teste Mann–Whitney, para garantir a robustez dos resultados.

Com o objetivo de testar a hipótese de que pessoas que já estiveram em reclusão detetam melhor a mentira e a desonestidade do que a população em geral, recorreu-se ao teste de Mann–Whitney U para comparar o desempenho dos dois grupos nas diferentes dimensões do TASIT-S, incluindo as subescalas de Inferência Social Mínima (ISM) e Inferência Social Enriquecida (ISE).

Os resultados mostraram que as pessoas com experiência de reclusão apresentaram desempenhos superiores nas dimensões Fazer (ISM) ($U = 68.00$, $Z = -1.979$, $p = .048$) e Dizer (ISM) ($U = 66.50$, $Z = -1.971$, $p = .049$), indicando diferenças estatisticamente significativas. Estes resultados sugerem que indivíduos ex-reclusos demonstraram uma maior capacidade para inferir comportamentos e intenções imediatas nas interações sociais simples.

Nas restantes subescalas de inferência mínima, não se verificaram diferenças significativas entre os grupos, nomeadamente em Pensar (ISM) ($U = 79.00$, $Z = -1.466$, $p = .143$) e Sentir (ISM), o que indica que a vantagem das pessoas que já estiveram reclusas se restringe a aspetos mais comportamentais da inferência social.

Quanto às dimensões de Inferência Social Enriquecida (ISE), observou-se uma diferença significativa apenas na subescala Pensar (ISE) ($U = 64.00$, $Z = -2.105$, $p = .035$), onde novamente os sujeitos ex-reclusos apresentaram ranks médios mais elevados (281.00) do que a população geral (184.00), revelando uma melhor capacidade de interpretar intenções e pensamentos em contextos sociais mais complexos. As restantes dimensões, Fazer (ISE) ($U = 73.50$, $p = .091$), Dizer (ISE) ($U = 103.50$, $p = .701$), Sentir (ISE) ($U = 69.50$, $p = .068$) e o total da subescala Emoções ($U = 105.50$, $p = .768$), não apresentaram diferenças significativas entre os grupos.

De forma geral, os resultados apoiam parcialmente a hipótese de que pessoas que já estiveram em estado de reclusão detetam melhor a mentira e a desonestidade do que a população em geral, indicando que pessoas com experiência de reclusão tendem a ter melhor desempenho em algumas dimensões específicas da inferência social, particularmente nas tarefas relacionadas com ações e intenções (fazer e dizer), tanto em contextos simples (ISM) como em contextos mais complexos (ISE).

Tabela 7

Resultados dos testes de comparação (Mann-Whitney) para as subescalas da TASIT-S.

	U	Z	p	Rank Médio População Geral	Rank Médio Pessoas em Ex- Reclusão
Emoções	105.50	-.295	.768	225.50	239.50
Inferência Social Mínima (ISM)					
Fazer	68.00	-1.979	.048	188.00	277.00
Dizer	66.50	-1.971	.049	186.50	278.50
Pensar	79.00	-1.466	.143	199.00	266.00
Sentir	111.00	-.067	.947	234.00	231.00

Inferência Social
Enriquecida (ISE)

Fazer	73.50	-1.691	.091	193.50	271.50
Dizer	103.50	-.384	.701	223.50	241.50
Pensar	64.00	-2.105	.035	184.00	281.00
Sentir	69.50	-1.828	.068	189.50	275.50

Discussão

A literatura indica que a mentira pode desencadear múltiplas emoções como o medo, a culpa e a ansiedade ou excitação que, inevitavelmente, vão influenciar o comportamento da pessoa que está a ser desonesta (Paulhus & Williams, 2002). Construtos como a psicopatia e o narcisismo são traços de personalidade que podem explicar a forma como estas emoções são percebidas e compreendidas. Assim, é possível relacionar os traços de personalidade com a cognição social, aspeto fundamental na adaptabilidade e funcionamento interpessoal (Blair & Zhang, 2020).

O presente estudo tem como objetivo analisar a capacidade discriminativa de uma amostra de sujeitos que já permaneceram em reclusão, em comparação com a população geral, na identificação de interações sarcásticas, enganosas ou desonestas, em contraste com as de confiança, tendo em conta os seus traços de personalidade.

Para tal, foi analisada uma amostra com 30 participantes, 15 do grupo de pessoas com histórico de reclusão e 15 de população em geral, com idades compreendidas entre os 28 e os 78 anos, recrutados tanto na Sala de Consumo Vigiado do Porto como na comunidade. Todos responderam a um questionário sociodemográfico, seguido das escalas de autorrelato Triarchic Measure of Psychopathy (*TriPM*) e Narcissistic Personality Inventory- 13 (*NPI-1*). Foi-lhes aplicado também o instrumento TASIT-S composto por vídeos sob a orientação da investigadora. Este instrumento foi essencial para avaliar a deteção e identificação de mentiras e desonestidade, dado que as suas subescalas (em especial a Inferência Social Enriquecida) incluem cenários que simulam situações de engano e sarcasmo, permitindo observar a capacidade dos participantes em reconhecer intenções enganosas ou falsas em contextos sociais realistas.

Os resultados do estudo indicam que os dados confirmam parcialmente que pessoas que já viveram a experiência de reclusão possuem mais traços psicopáticos (*TriPM*) do que a população geral. A análise estatística mostra que indivíduos com histórico de reclusão demonstram níveis significativamente mais altos para duas das dimensões da escala tripartida da psicopatia: Meanness e Disinhibition, mas não para o traço de Boldness. Este padrão pode sugerir que pessoas ex-reclusas têm uma maior tendência para a superficialidade, crueldade, agressão predatória, busca de emoções, isto é, busca agressiva de recursos sem consideração pelos outros - "agência desassociada" - ou à impulsividade, irresponsabilidade, comportamento de oposição, raiva ou hostilidade, melhor dizendo, propensão geral a problemas de controle de impulsos (Patrick et al., 2009; Vieira et al., 2014).

Curiosamente, e em consonância com observações anteriores, alguns estudos sugerem que pessoas que se sentem tratadas injustamente têm maior probabilidade de reagir de forma desafiante e zangada a medidas punitivas (Braithwaite, 1999). Tal pode ajudar a compreender

parte da expressão comportamental observada em alguns participantes, sobretudo no contexto prisional.

Ao contrário do esperado, quanto à escala NPI-13, que mede os traços narcísicos através das subescalas – Leadership/Authority, Grandiose/Exhibitionism e Entitlement/Exploitativeness – não se observaram diferenças significativas dentro dos grupos estudados. Isto sugere que, embora a literatura relacione recorrentemente o narcisismo com comportamentos manipulativos e de busca de poder, tais traços podem não ser diferenciadores entre pessoas que já experienciaram a reclusão e a população geral, no presente estudo.

É possível que fatores como socialização após período de reclusão, adaptação social e sobretudo o tamanho reduzido da amostra vigente ao estudo tenham limitado a sensibilidade estatística para detetar diferenças. No entanto, estes resultados reforçam a ideia de que o narcisismo não é, por si só, um preditor direto da reclusão, ou seja, não pode ser considerado uma consequência de pessoas que já estiveram em reclusão. É de referir que traços como o narcisismo se podem manifestar de forma distinta consoante o contexto social e as oportunidades de expressão interpessoal. Segundo Fatfouta, em 2023, tratar o narcisismo como uma característica de personalidade geral e não contextualizada pode obscurecer (ou distorcer) suas associações com resultados relevantes.

No que toca à relação entre os traços de personalidade e identificação da desonestidade, sarcasmo e a mentira, as análises de correlação de Spearman entre os traços de personalidade psicopática e narcísica com as dimensões do TASIT-S revelaram poucos padrões significativos. Através do TASIT-S, foi possível operacionalizar a constatação da mentira e da desonestidade como a capacidade de interpretar corretamente o significado implícito das interações sociais, por outras palavras, distinguir entre comunicações sinceras e enganosas. Assim, as correlações encontradas (ou a sua ausência) fornecem uma medida comportamental indireta dessa capacidade.

Verificaram-se correlações negativas entre os traços de Boldness e a subescala Pensar (ISM) ($\rho = -.375, p = .041$) e uma correlação positiva entre Disinhibition e a mesma subescala da Inferência Social Mínima Pensar ($\rho = .385, p = .036$). Estes resultados podem indicar que indivíduos com maiores níveis de Boldness, associados a uma maior autoconfiança e insensibilidade ao medo, têm menos sensibilidade às pistas cognitivas associadas à inferência social. O mesmo não se verifica para indivíduos com mais Disinhibition, isto é, com maior tendência à impulsividade, já que demonstraram uma maior capacidade para interpretar o pensamento por trás das pistas sociais apresentadas nos vídeos da TASIT-S.

Apesar das associações mencionadas não permitiram estabelecer uma causalidade, sugerem que certos traços psicopáticos podem estar relacionados, de modo distinto, com a percepção social, o que reflete uma interação complexa entre a personalidade e a deteção de pistas

sociais que demonstram desonestidade. Como já era esperado, tendo em conta os resultados da hipótese 2, não se observaram dados significativos entre os traços narcísicos e o desempenho dos participantes na TASIT-S, o que pode indicar que o narcisismo não parece influenciar diretamente a detecção de mentiras.

Relativamente à discussão sobre se a detecção e identificação da mentira é um processo cognitivo diferente para pessoas que já viveram a reclusão e a população geral, os resultados revelam que pessoas ex-reclusas apresentam um melhor desempenho em certas tarefas da TASIT-S, nomeadamente para a subescalas “Fazer” ($U = 68.00, p = .048$) e “Dizer” ($U = 66.50, p = .049$) da Inferência Social Mínima (ISM), bem como na subescala “Pensar” ($U = 64.00, p = .035$) da Inferência Social Enriquecida (ISE). Torna-se ainda importante sublinhar que estas subescalas da TASIT-S envolvem situações onde o interlocutor expressa intenções ambíguas, enganosas ou sarcásticas, exigindo do participante uma interpretação refinada das pistas sociais apresentadas para detetar incongruências entre o que é dito e o que é intencionado. Assim, o melhor desempenho das pessoas que viveram em reclusão nestas dimensões sugere uma maior competência em identificar comportamentos desonestos ou enganosos, corroborando parcialmente a hipótese principal do estudo.

As diferenças mencionadas, podem sugerir que participantes com experiência prisional tendem a desenvolver maior sensibilidade às pistas comportamentais e verbais, associadas à mentira ou às intenções ocultas, possivelmente devido às necessidades adaptativas ao contexto e leitura do mesmo. Liebling e seus colaboradores, em 2020, apontam as condições morais de uma prisão, destacando que o respeito entre os intervenientes, a humanidade, a decência e a confiança, são cruciais para compreender como as pessoas em estado de reclusão se adaptam e cooperam. Os autores ainda criticam as abordagens puramente técnicas e administrativas que afastam os reclusos, dos técnicos prisionais, o que pode ser uma das razões pelas quais pessoas em reclusão tenham de ser tão adaptativas cognitivamente.

No entanto, as restantes dimensões (o total das emoções, ISE: Fazer, Dizer e Sentir) não revelaram diferenças significativas, o que indica que esta competência não é global, mas específica a determinados tipos de inferência social.

Em termos interpretativos, os resultados apoiam parcialmente a hipótese proposta de que pessoas que já viveram a reclusão têm uma capacidade mais refinada para identificar incongruências entre a verdade e o que é dito, e sobretudo sobre o que é intencionado, sendo esta competência útil em ambientes sociais de elevada ameaça ou vigilância. Contudo, é importante sublinhar que este desempenho superior não implica necessariamente uma melhor compreensão empática, mas pode refletir estratégias cognitivas adaptativas desenvolvidas em contextos sociais complexos, como o sistema prisional. Tal inferência, é baseada em associações de atitudes e

características de personalidade, especialmente busca por recursos sem consideração pelas consequências que os demais envolvidos vão sentir, ou a propensão a problemas de controle de impulsos (Patrick et al., 2009). Neste sentido, a TASIT-S mostrou-se um instrumento particularmente útil para captar essa dimensão adaptativa da percepção social, uma vez que simula com elevada validade ecológica as situações de mentira e manipulação que se pretendia avaliar neste estudo.

Este estudo apresenta algumas limitações, como o tamanho reduzido da amostra limita o poder estatístico das análises, dificultando a generalização dos resultados. A composição da amostra apresentou algumas desigualdades entre grupos. No grupo da população geral, verificou-se uma percentagem mais elevada de participantes com escolaridade mínima em comparação com o grupo de pessoas ex-reclusas (4ª classe: 26.7% na População Geral 13.3% em Ex-Reclusos), o que pode ter influenciado a compreensão de alguns itens das escalas de autorrelato e das situações apresentadas nos vídeos do TASIT-S.

Outra limitação relevante respeita o consumo de substâncias psicoativas, no grupo de pessoas ex-reclusas, identificou-se que 14 dos 15 participantes tinham consumido cocaína ou heroína antes da participação no estudo, enquanto dos participantes da comunidade, nenhum deles era consumidor. Tal diferença pode ter afetado tanto o desempenho cognitivo como a percepção social dos participantes, introduzindo um viés na interpretação das associações entre traços de personalidade e deteção de desonestidade, já que estudos têm mostrado que com o consumo destas substâncias podem levar a modificações neuroanatómicas em áreas cerebrais importantes para o controlo de impulsos, como por exemplo o córtex cíngulado, giro frontal inferior direito, amígdala, entre outros (Forman et al., 2004). Em termos metodológicos, a recolha de dados junto do grupo de ex-reclusos decorreu na Sala de Consumo Vigiado do Porto, um ambiente que, por não ser controlado, poderá ter introduzido variabilidade adicional nas respostas, nomeadamente em termos de distrações, tempo de atenção ou desconforto situacional.

Para futuras investigações, seria interessante a nível científico explorar alguns outros cenários, em primeiro lugar explorar o género da amostra e fazer uma comparação entre pessoas que experienciaram a reclusão que se identificam como mulher e como homens. Segundo Pedroso-Lima e os seus colaboradores, em 2014, diversos estudos têm procurado estudar as diferenças de género ao nível dos traços de personalidade, nomeadamente ao nível do Modelo dos Cinco Fatores, demonstrando tanto evidências consistentes, como algumas evidências inconsistentes. Assim, acredito ser uma temática interessante de se explorar na deteção da mentira.

A presente investigação apresenta diversas potencialidades, como o uso de medidas de cognição social com recurso a estímulos audiovisuais aproxima a investigação de contextos da

vida real, permitindo avaliar a percepção de pistas sociais (como tom de voz, expressões faciais e linguagem corporal) de forma mais ecológica. Além disso, foram considerados fatores relevantes como a empatia cognitiva e afetiva, e foi controlada a influência da desejabilidade social nas respostas ao TASIT-S. Por fim, este trabalho contribui para a compreensão da forma como traços psicopáticos e narcísicos se relacionam com a deteção de mentira, sinceridade e sarcasmo, sendo, o primeiro estudo a fazê-lo numa amostra portuguesa com participantes que já estiveram na prisão.

Conclusão

De modo geral, este estudo evidenciou que, certos traços de personalidade psicopáticos podem estar associados a diferenças no processamento social, e que a experiência de reclusão pode modular essas competências, particularmente na capacidade de identificar comportamentos e intenções enganosas. Apesar disso, a magnitude das diferenças é moderada, e o número reduzido de correlações significativas indica que as relações entre personalidade, experiência de vida associada a detenções e detecção de mentiras e desonestidade são subtis e multifatoriais.

De forma geral, observou-se que indivíduos com histórico de reclusão apresentaram níveis mais elevados de traços psicopáticos, nomeadamente nas dimensões de *Meanness* e *Disinhibition*, mas não em *Boldness*. Estes resultados reforçam a ideia de que determinadas características associadas à impulsividade, à busca de estímulos e à indiferença face ao impacto das próprias ações sobre os outros são mais prevalentes neste grupo, possivelmente como resultado de mecanismos de adaptação ao contexto prisional.

Por outro lado, os traços narcísicos, avaliados através do NPI-13, não diferenciaram significativamente os dois grupos, sugerindo que o narcisismo pode não ser um traço distintivo entre pessoas com e sem experiência de reclusão, pelo menos nesta amostra. Esta inferência aponta para a importância de compreender o narcisismo enquanto traço contextual e dinâmico, cuja expressão pode depender de fatores sociais, situacionais e relacionais, ou seja, biopsicossociais.

No que concerne à relação entre os traços de personalidade e a capacidade de detetar mentira e desonestidade, os resultados mostraram associações discretas, mas interessantes. O traço *Boldness* apresentou uma correlação negativa com a inferência cognitiva (*Pensar*), enquanto *Disinhibition* se associou positivamente à mesma dimensão, sugerindo que diferentes componentes da psicopatia podem influenciar de modo distinto a percepção social. Foi possível, através do instrumento TASIT-S, observar como essas variações de traço se refletem na interpretação de pistas sociais e na leitura das intenções implícitas nas interações, fornecendo uma medida ecológica e comportamental da detecção de engano.

Apesar de o narcisismo não se ter relacionado de forma significativa com o desempenho no instrumento TASIT-S, a presença de correlações específicas com traços psicopáticos sugere que certas características de personalidade podem modular a leitura e interpretação de pistas sociais, sobretudo em contextos ambíguos.

Relativamente à hipótese central, de que pessoas que já estiveram em estado de reclusão detetam melhor a mentira e a desonestidade do que a população em geral, os resultados fornecem apoio parcial. Pessoas que experienciaram a reclusão demonstraram melhor desempenho em dimensões específicas da inferência social mínima (*Fazer* e *Dizer*) e enriquecida (*Pensar*),

indicando uma sensibilidade acrescida para reconhecer intenções e incongruências comportamentais. Estas dimensões do TASIT-S, por envolverem cenários de sarcasmo e engano, permitiram captar de forma prática e realista essa competência diferenciada, sugerindo um possível refinamento das estratégias cognitivas adaptativas desenvolvidas em ambientes prisionais. Este padrão pode refletir mecanismos cognitivos adaptativos desenvolvidos em contextos de vigilância e imprevisibilidade social, característicos da experiência prisional. Assim, os dados sugerem que a exposição prolongada a ambientes de elevada vigilância pode afinar competências específicas de percepção social, mas não necessariamente potenciar a empatia ou a compreensão emocional mais ampla.

Em última análise, este estudo contribui para a compreensão da forma como traços de personalidade e experiências de reclusão se relacionam com a percepção da mentira e da desonestidade. Os resultados reforçam a visão dimensional da psicopatia e apontam para a importância de considerar o contexto social na interpretação de competências de cognição social. Futuras investigações com amostras maiores, controlando variáveis como consumo de substâncias e escolaridade, poderão aprofundar estas relações e clarificar de que modo as experiências prisionais moldam a forma como os indivíduos percebem, interpretam e respondem às intenções dos outros.

Referências

- Abe, N., Suzuki, M., Mori, E., Itoh, M., & Fujii, T. (2007). Deceiving others: distinct neural responses of the prefrontal cortex and amygdala in simple fabrication and deception with social interactions. *Journal of Cognitive Neuroscience*, 19(2), 287-295.
- Abe, N. (2009). The neurobiology of deception: evidence from neuroimaging and loss-of-function studies. *Current Opinion in Neurology*, 22(6), 594-600.
- Arioli, M., Crespi, C., & Canessa, N. (2018). Social cognition through the lens of cognitive and clinical neuroscience. *BioMed Research International*, 2018(1), 4283427.
- Azizli, N., Atkinson, B. E., Baughman, H. M., Chin, K., Vernon, P. A., Harris, E., & Veselka, L. (2016). Lies and crimes: Dark Triad, misconduct, and high-stakes deception. *Personality and Individual Differences*, 89, 34-39. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.09.034>.
- Baron-Cohen, S. (2000) Theory of mind and autism: A fifteen year review. In S. Baron Cohen, H. Tager-Flusberg, & D. J. Cohen (Eds.), *Understanding other minds. Perspectives from developmental cognitive neuroscience* (pp. 3-21). Oxford: University Press.
- Blair, R., & Zhang, R. (2020). Recent neuro-imaging findings with respect to conduct disorder, callous-unemotional traits and psychopathy. *Current Opinion in Psychiatry*, 33(1), 45–50. <https://doi.org/10.1097/YCO.0000000000000559>
- Birkás, B., Pátkai, G., & Csathó, Á. (2020). The mediating role of the dark triad between life history strategy and perceived stress factors. *Psychological Reports*, 123(2), 252–265. <https://doi.org/10.1177/0033294118818095>
- Braithwaite, J. (1999). Restorative justice: Assessing optimistic and pessimistic accounts. *Crime and justice*, 25, 1-127.
- Calligaris, R. (1999). As leis morais. *Rio de Janeiro. Editora: Federação Espírita Brasileira*.
- Campbell, J. D., & Katz, A. N. (2012). Are there necessary conditions for inducing a sense of sarcastic irony?. *Discourse Processes*, 49(6), 459-480.

Carroll, G. A., Montrose, V. T., & Burke, T. (2021). Correlates of social cognition and psychopathic traits in a community-based sample of males. *Frontiers in Psychology*, 12, 656299.

Cleckley, H. M. (1951). The mask of sanity. *Postgraduate Medicine*, 9(3), 193-197.

Coid, J., Yang, M., Ullrich, S., Roberts, A., Moran, P., Bebbington, P., ... & Hare, R. (2009). Psychopathy among prisoners in England and Wales. *International Journal of Law and Psychiatry*, 32(3), 134-141. <https://doi.org/10.1016/j.ijlp.2009.02.008>

Cornell, D. G., Warren, J., Hawk, G., Stafford, E., Oram, G. & Pine, D. (1996). Psychopathy in instrumental and reactive violent offenders, *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64(4), 783.

Dvash, J., & Shamay-Tsoory, S. G. (2014). Theory of mind and empathy as multidimensional constructs: Neurological foundations. *Topics in Language Disorders*, 34(4), 282–295. <https://doi.org/10.1097/TLD.0000000000000040>

Ekman, P., & Friesen, W. V. (2003). *Unmasking the face: A guide to recognizing emotions from facial clues* (Vol. 10). Ishk.

Fatfouta, R. (2023). Going the extra mile (or not): Facets of narcissism and organizational citizenship behavior. *Personality and Individual Differences*, 213, 112318. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2023.112318>.

Forman, S. D., Dougherty, G. G., Casey, B. J., Siegle, G. J., Braver, T. S., Barch, D. M., ... & Lorensen, E. (2004). Opiate addicts lack error-dependent activation of rostral anterior cingulate. *Biological Psychiatry*, 55(5), 531-537.

Foucault, M. (2013). *Vigiar e punir*. Leya.

Frith, C. D., & Frith, U. (2012). Mechanisms of social cognition. *Annual Review of Psychology*, 63, 287-313.

Gardner, B. O., Boccaccini, M. T., & Murrie, D. C. (2018). Which PCL-R scores best predict forensic clinicians' opinions of offender risk? *Criminal Justice and Behavior*, 45(9), 1404–1419. <https://doi.org/10.1177/0093854818789974>.

- Gamer, M., Rill, H.-G., Vossel, G., & Gödert, H. W. (2006). Psychophysiological and vocal measures in the detection of guilty knowledge. *International Journal of Psychophysiology*, 60(1), 76–87. <https://doi.org/10.1016/j.ijpsycho.2005.05.006>
- Goffman, W. (1968). An indirect method of information retrieval. *Information Storage and Retrieval*, 4(4), 361-373.
- Gomes, L. R., & de Sá Leite Chakur, C. R. (2005). Crianças e adolescentes falam sobre a mentira: contribuições para o contexto escolar. *Ciências & Cognição*, 6(1), 33-43.
- Gontijo, E. D. (2006). Os termos 'Ética'e'Moral'. *Mental*, 4(7), 127-135.
- Hartwig, M., Granhag, P. A., Strömwall, L. A., & Andersson, L. O. (2004). Suspicious Minds: Criminals'ability to detect deception. *Psychology, Crime and Law*, 10(1), 83-95. <https://doi.org/10.1080/1068316031000095485>
- Honan, C. A., McDonald, S., Sufani, C., Hine, D. W., & Kumfor, F. (In Press). The Awareness of Social Inference Test: Development of a shortened version for use in adults with acquired brain injury. *The Clinical Neuropsychologist*
- Jenkins, S., & Delbridge, R. (2020). Exploring organizational deception: Organizational contexts, social relations and types of lying. *Organization Theory*, 1(2), 2631787720919436.
- Jupe, L. M., Vrij, A., Leal, S., & Nahari, G. (2018). Are you for real? Exploring language use and unexpected process questions within the detection of identity deception. *Applied Cognitive Psychology*, 32(5), 622-634. <https://doi.org/10.1002/acp.3446>.
- Krizan, Z., & Herlache, A. D. (2018). The narcissism spectrum model: A synthetic view of narcissistic personality. *Personality and Social Psychology Review*, 22(1), 3-31. <https://doi.org/10.1177/1088868316685018>.
- Leavitt, K., & Sluss, D. (2015). Lying for who we are: An identity-based model of workplace dishonesty. *Academy of Management Review*, 40, 587–610.
- Liebling, A., Williams, R., & Lieber, E. (2020). More mind games: How ‘the action’and ‘the odds’ have changed in prison. *The British Journal of Criminology*, 60(6), 1648-1666.
- Matias, D. W. D. S., Leime, J. L., Bezerra, C. W. A. G., & Torro-Alves, N. (2015). Mentira: aspectos sociais e neurobiológicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31, 397-401.

McDonald, S., Flanagan, S. & Honan, C. (2017) The Awareness of Social Inference Test – Short (TASIT-S), ASSBI Resources, Sydney, Australia.

Paiva, T. O., Pasion, R., Patrick, C. J., Moreira, D., Almeida, P. R., & Barbosa, F. (2020). Further evaluation of the Triarchic Psychopathy Measure: Evidence from community adult and prisoner samples from Portugal. *Psychological Assessment*, 32(3), e1– e14. <https://doi.org/10.1037/pas0000797>

Partridge, G. E. (1929). Psychopathic personality and personality investigation. *American Journal of Psychiatry*, 85(6), 1053-1055.

Patrick, C. J., Fowles, D. C., & Krueger, R. F. (2009). Triarchic conceptualization of psychopathy: Developmental origins of disinhibition, boldness, and meanness. *Development and Psychopathology*, 21, 913–938.

Paulhus, D. L., & Williams, K. M. (2002). The dark triad of personality: Narcissism, Machiavellianism, and psychopathy. *Journal of Research in Personality*, 36(6), 556-563. [https://doi.org/10.1016/S0092-6566\(02\)00505-6](https://doi.org/10.1016/S0092-6566(02)00505-6)

Petrova, Y. A., Churakova, A. O., & Antonchenko, D. I. (2017). ANALYSIS OF THE CONCEPT OF LYING IN FP ACKMAN 'S BOOK" LIE PSYCHOLOGY". *Akademická Psychologie*, (3), 15-18.

Pechorro, P., Nunes, C., Gonçalves, R., Simões, M., & Oliveira, J.P. (2019). Estudo de validação do Inventário de Personalidade Narcísica – 13 em uma amostra escolar de jovens portugueses. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 50(1), 71-81. <https://doi.org/10.21865/RIDEP50.1.06>

Pedroso-Lima, M., Magalhães, E., Salgueira, A., Gonzalez, A. J., Costa, J. J., Costa, M. J., & Costa, P. (2014). A versão portuguesa do NEO-FFI: Caracterização em função da idade, género e escolaridade. *Psicologia*, 28(2), 01-10.

Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança*. Grupo Editorial Summus.

Rockwell, P. (2001). Facial expression and sarcasm. *Perceptual and Motor Skills*, 93(1), 47-50. <https://doi.org/10.2466/pms.2001.93.1.47>.

Svetieva, E., & Frank, M. G. (2016). Empathy, emotion dysregulation, and enhanced microexpression recognition ability. *Motivation and Emotion*, 40(2), 309–320. <https://doi.org/10.1080/01446858.2016.1188888>

McDonald, S., Flanagan, S. & Honan, C. (2017) *The Awareness of Social Inference Test – Short (TASIT-S)*, ASSBI Resources, Sydney, Australia.

Takamatsu, R., & Takai, J. (2019). With or without empathy: Primary psychopathy and difficulty in identifying feelings predict utilitarian judgment in sacrificial dilemmas. *Ethics & Behavior*, 29(1), 71–85. <https://doi.org/10.1080/10508422.2017.1367684>

Turi, A., Rebeleş, M. R., & Visu-Petra, L. (2022). The tangled webs they weave: A scoping review of deception detection and production in relation to Dark Triad traits. *Acta Psychologica*, 226. <https://doi.org/10.1016/j.actpsy.2022.103574>.

Vieira, J. B., Almeida, P. R., Ferreira-Santos, F., Moreira, P. S., Barbosa, F., & Teixeira, J. M. (2014). The triarchic psychopathy measure (TriPM): Translation and adaptation to European Portuguese.

Vrij, A., Edward, K., Roberts, K.P. et al. Detecting Deceit via Analysis of Verbal and Nonverbal Behavior. *Journal of Nonverbal Behavior* 24, 239–263 (2000). <https://doi.org/10.1023/A:1006610329284>.

Vrij, A. (2008). *Detecting Lies and Deceit: Pitfalls and Opportunities* (2nd ed.). John Wiley & Sons.

Yang, Y., Raine, A., Lencz, T., Bihrlé, S., Lacasse, L., & Colletti, P. (2005). Prefrontal white matter in pathological liars. *The British Journal of Psychiatry*, 187(4), 320

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

